



Gaiato

25 DE MAIO DE 1974

ANO XXXI — N.º 788 — Preço 2\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

CANTINHO DOS RAPAZES

Preocupam-me as reivindicações, expressas ou tácitas, de cada vez menos trabalho, pois não creio em progresso, mormente num país em desenvolvimento, que não assente no labor consciencioso das suas gentes.

Creio que o chamado «milagre alemão» no pós-guerra, tal como a esplêndida ressurreição económica japonesa — duas nações militarmente derrotadas e profundamente feridas há trinta anos — se não fizeram senão pelo trabalho: muito trabalho, muito bem feito. A consciência cívica daqueles Povos foi o agente da transformação de ruínas em prosperidade, segundo programas racionais, admiravelmente concebidos e sacrificadamente realizados.

E, mais próximos de nós, no espaço e temperamentalmente, os espanhóis são exemplo do que pode a ascensão de um Povo no levantamento de uma nação caída e isolada durante pelo menos uns dois decénios.

Eu aprendo a lição de famílias pobres que, sem heranças nem sortes-grandes, vão constituindo o seu património, tendo por capital, muito mais do que as pequenas sobras de salários sempre bem restritos, o aproveitamento dos tempos livres com a mobilização geral de todos os membros, quando não mesmo de vizinhos e amigos.

São desta espécie todos aqueles esforçados chefes de família a quem temos ofertado as telhas para as casinhas que constroem. De alguns tenho sido mesmo testemunha ocular de um progresso que, atingida a primeira meta, logo produz uma outra de mais bem-estar, de melhor gosto. E que alegria em cada etapa vencida! Que sabor tem cada estádio, assim condimentado com renúncia e suor!

É um processo de aculturação. Em vez de taberna, ontem única «sala de estar» possível, há agora um lar acolhedor. E o desejo saudável de sempre outra novidade que o torne ainda mais acolhedor, para o convívio ameno na roda da família e dos amigos.

Da geração ali nascida e crescida é de esperar outras exigências de padrão de vida. É mais possível que saia quem estude, quem se valorize para voar mais alto. Mas as duas gerações do empreendimento enriqueceram-se irreversivelmente, para além dos valores materiais acrescentados.

Claro que a Técnica, as novas técnicas que incessantemente vão surgindo, permitem aliviar o esforço. A gente pasma de como os nossos antepassados puderam levantar catedrais e monumentos que desafiam os séculos, sem nada daquela ferramenta que hoje facilita qualquer pequena construção. E ainda assim, nós achamos difícil

Cont. na QUARTA página

É um gosto ver o Eusébio a tirar leite às nossas vacas. Eu delicio-me. O gosto, a perfeição e o carinho que ele põe. O leite sai. Enche uma bilha, duas... Que farturinha! Quem tem filhos sabe o gosto que dá vê-los tomar uma tigela dele.

Capim dos campos + nosso milho + farelo que o nosso amigo professor José Ferreira nos tem dado = a leite branco. Que riqueza!

O capim que todos os anos arde nas queimadas, dava leite para todas as crianças de Angola.

Que vergonha estarmos à espera da migalha holandesa no leite em lata...

Voltemos ao Eusébio. Tem 12 anos. Anda na 4.ª classe. É dos Açores. Há dias rejubilou quando lhe disse que vinham mais umas vaquinhas de raça que o Povoamento nos cedia para pagarmos, em cinco anos. Que já não, vou-lhe dizer.

MALANJE

Se o sr. Presidente do Povoamento visse esta beleza: O Eusébio a tirar o leite e os nossos 90 futuros povoadores a tomá-lo nas grandes tigelas de alumínio, não teria coragem de dizer «não».

xxx

Das ajudas que nos têm vindo, não tenho dado conta. Perdi-lhes o fio.

— O senhor quer que ponha o seu nome?

— Nem pense nisso.

Foram tantas no Natal! E no correr do ano!

Bendito seja Deus que suscita e anima nos corações o amor dos outros!

Companhia dos Diamantes com uma ajuda tão oportuna.

A Texaco com gasóleo. A Petrangol com gasóleo e a Mobil. Todos os senhores de Malanje que foram contemplados com o primeiro prémio da lotaria do Natal se lembraram também de nós. Depois, os amigos de Luanda, de Carmona, da C.A.D.A. e de Cambambe.

A Induve continua a dar-nos sabão e a Tentativa açúcar.

O sr. Berenguel deu-nos duas vacas. A firma Gomes & Irmão, quatro. O sr. Alfredo Matos, dois touros de raça. «Escolha os bons», disse ele ao responsável. Isto consolou-me tanto como a oferta. Mostrou-nos a seguir a fazenda. Onde antes matas de imbondeiros, hoje, manadas de gado.

Mas quanto esforço e quantos sorrisos irónicos teve que suportar. «Gado aqui? O senhor está louco...» Hoje palmadinhas nas costas e parabéns.

É destes obreiros que esta Angola precisa para transformarem matagais em riqueza — neste caso — em leite branco que se toma em Luanda, e safu dum terreno inóspito.

Mas... desviei-me do aqui-lo...

Mais dois amigos de Luanda e um de Malanje nos pagaram uma dívida de cem mil.

Mais uma senhora que quando passo em frente do seu estabelecimento, quase sempre me chama para me pôr na mão a sua oferta.

Que Deus vos dê muitas alegrias em paga.

Padre Telmo

FESTAS

A terminar as nossas romarias da Festa deste ano, mais do que saber dizer aos nossos leitores, nós temos sentido e vivido a mensagem que quisemos levar a todos aqueles que se encontraram connosco.

Todas as portas das salas se abriram generosa e alegremente. Foram noites escaldantes de entusiasmo, amor e carinho. Não faltou em nenhuma

terra a ceia final, que foi sempre prolongado convívio do espectáculo das salas. Regressámos sempre carregados de mimos que distribuímos pelo maior número que é dos que ficam em casa e durante semanas vamos saboreando.

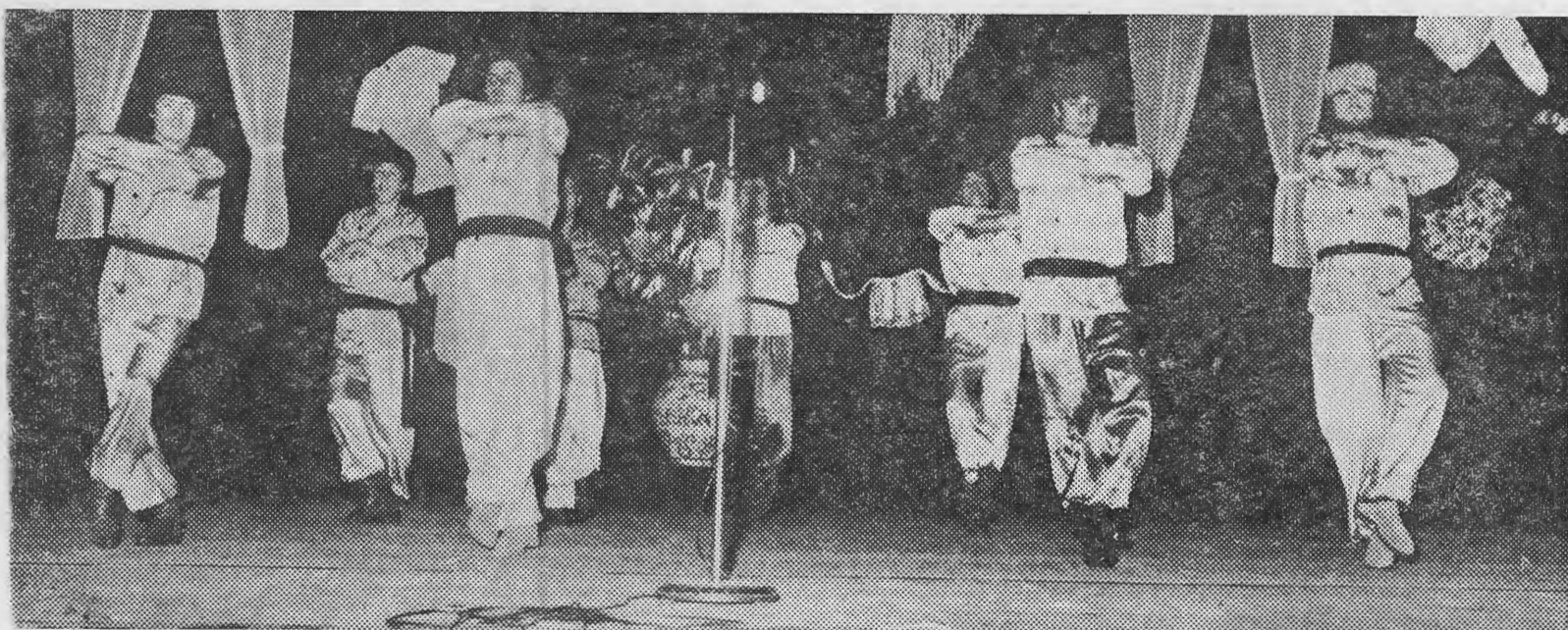
Regressámos com a convicção de que deixámos felizes todos os promotores das nossas Festas e que em todos fica

vontade de que voltemos sempre.

Já têm subido ao palco a perguntar qual o método que usamos para que os Rapazes consigam um comportamento assim.

A nossa resposta terá de ser sempre um sorriso de confiança e a certeza de que vale a pena dar-mo-nos.

Padre Horácio



A certeza de que vale a pena dar-mo-nos — eis o método que usamos para os Rapazes conseguirem um comportamento assim.

PELAS CASAS DO GAIATO

A venda do Jornal no Norte do País

pelo «ASPIRINA»

É a primeira vez que escrevo para o «Famoso», fundado pelo nosso querido Pai Américo.

Vou começar pela venda do Jornal no Porto, visto ser a localidade mais importante para todos nós.

Como sabem, o «Meno» é o «camisola amarela», logo seguido pelo «Rouxinol», que vende em Braga.

Na sexta-feira alguns dos nossos companheiros, o «Melancia», o «João Ratão», o «Meno» e o «Rouxinol» vão à frente para correr os Bancos e repartições oficiais e grandes escritórios, etc. O resto da malta segue no sábado.

Agora, vou contar um bocado do meu trabalho na venda do Jornal:

Saio de Casa no sábado de manhã e começo por me estrear no Mercado do Bolhão, seguindo logo para outros meus amigos e queridos fregueses. E, depois, ando pelas zonas de mais interesse.

No domingo, a mesma coisa, mas sigo para S. Mamede de Infesta, onde sou muito bem recebido por toda a gente.

Termino com um agradecimento aos meus fregueses e, para todos os leitores, um grande abraço.

Leiam, a seguir, a crónica do nosso grande vendedor de Espinho — o Ganhão.



pelo GANHÃO

É a primeira vez que escrevo para o «Famoso».

Chamo-me Ganhão e sou vendedor de «O Gaiato» em Espinho.

Vou contar-lhes a história da minha venda desde que saio de Casa, até chegar a Espinho:

Levo 300 jornais. Até às 10 h. dou uma volta pelos arredores do Bolhão, onde passo 50. Depois, sigo para Espinho com os restantes.

Chego perto das 11 h. e vou logo guardar 150 para o dia seguinte. Com um maço de 100 corro os cafés e bato às portas, porque muitas pessoas não gostam ou não podem vir à rua procurá-lo.

Almoço à uma da tarde e, depois, com 50 jornais, corro mais alguns prédios e casas comerciais. À noite, deixo as sobras em casa de um senhor engenheiro amigo e, aí, lavo as mãos e, se for preciso, a cara, para ir jantar a casa de uma senhora amiga. Depois, vou-me dei-

tar para me levantar às 8 h. da manhã começar a rodada, tomando o pequeno-almoço na residência do senhor engenheiro.

No domingo de manhã, como já é habitual, aguardo a saída das Missas e visito outros fregueses. Vendo, assim, mais 100 jornais.

Gosto muito dos meus amigos de Espinho. São muito simpáticos e, além disso, ajudam a nossa Casa, que é muito conhecida em todo o País. Para todos vai um grande abraço.

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

A TERCEIRA IDADE — Se em França, nação dita evoluída, os responsáveis pela opinião pública debatem com entusiasmo a questão da terceira idade, que dizer do problema em nosso País? Grave; muito grave, do ponto de vista moral, material — e social!

Não há muito tempo, lemos, algures, um breve resumo de um trabalho valioso sobre o assunto; panorâmica geral, com palpáveis vazios do chamado *condicionalismo vigente*.

Eram amostras elucidativas para quem — como nós, vicentinos — topa as carências, as omissões, os paliativos.

Não há dúvida, um homem que contribuiu com o seu trabalho para a Comunidade tem o direito de receber, na curva da vida, não só o indispensável à sua decente sobrevivência como o carinho dos seus, carne da sua carne.

Sentimos a fundo o problema da terceira idade — nos casos que temos em mãos! Agora, praticamente, só nos dedicamos a velhos, alguns doentes, que merecem uma condição de vida estável, um xadrez de seguro social mais providente do que previdente.

Há que ultrapassar o subsídio de miséria aos rurais! Referimo-nos aos que melhor conhecemos. E por terem sido — foram sempre! — os mais sacrificados entre os sacrificados.

Estes homens — e mulheres — por natureza pacíficos, não fazem estrondo. Não entram em comícios. Não têm representações. Sofrem na mansarda ou de fivela apertada. São flores que murcham no olvido! E que deviam ser, numa sociedade dita cristã, o enlevo dos seus filhos. E, aqui, surge mais uma brecha terrível: o estorvo de que muitos são vítimas até da parte dos próprios filhos!

Para a educação, não há dúvida, conta mais o exemplo do que as palavras. E, daí, se uma sociedade virada mais ao *produto nacional bruto* esquece — deliberadamente — quantos para ele contribuíram durante a sua vida (não importam, agora, as *perfeitas* leis, regulamentos, prazos, sim as negligências), então é injusta e provoca, naturalmente, uma separação que gera consequências gravíssimas que se repercutem no seio das próprias famílias...

E há casos tão difíceis, tão difíceis, que nesta Primavera radiosa poderiam ser tema de grupos, de paróquias, de homens de boa vontade, conscientes dos direitos dos velhos em uma Nação que, só agora,

volta a enquadrar-se — com euforia — em plena Democracia.

X X X

Há um pobre velho — débil mental — que tem sido, para nós, uma grande dor de cabeça. Tem família. Mas não conta... Separado da mulher, chegou a viver numa toca! Arranjou-se casa. Não houve progresso. Tentámos um recolhimento aberto, sem grades. Não se acomodou. No regresso, foi vaiado pela vizinhança! Chegou a passar fome! Corpo derreado, face amarelada, chupada, esquelética, como poderia o pobre homem ter gosto de fazer o caldo — ele que nunca o fez... — marginado por todos e pelos do próprio sangue?!

Sem atirmos pedras — com discreção — um dia pegámos no pobre velho e encaminhámo-lo para uma mesa decente, ao almoço e ao jantar. Integrado no meio, como um cliente vulgar, um viajante, um camionista, um proletário. À hora das refeições, aparece. Senta-se à mesa. Serve-se. E, depois, vai à sua vida. Assim, não há racismo, nem paternalismo, nem «Sopa dos Pobres». É um homem como os mais. Fica-nos caro? Pois fica. São mais de 30\$00 por dia. Mas se este homem tivesse a sua justa pensão de velhice, agora, habituado, educado a mesa decente — apesar da sua debilidade — é de crer que seria ele a puxar pela carteira e a pagar a refeição.

DONATIVOS — Os nossos leitores são uns grandes colaboradores. Aliás, verdade seja, nunca poderíamos fazer tanto, tanto, tanto se não fossem estas presenças habituais, discretas, cristãs.

À frente, segue a Assinante do Seixal: 600\$00 «com a habitual fraternidade». É sempre uma legenda muito saborosa, muito rica, muito salutar.

A seguir, 400\$00 de «Dois irmãos unidos». Ó beleza!

Mais uma legenda: «Por alma de minha Mãe e de meu Marido e por uma graça recebida, cem escudos para os Pobres da Conferência de Paço de Sousa».

Atenção R. Alex. Herculano: muito bem, e muito obrigado pelos «100\$00

para a Conferência, como de costume». O mesmo dum modesta empregada dum cliente da nossa Tipografia. E, finalmente, metade da assinante 17022.

Em nome dos nossos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

MOVIMENTO DAS F. A. — Tendo a Junta de Salvação Nacional deposto o regime que vinha oprimindo o Povo ao longo de 48 anos, trouxe ao País um grande clima de satisfação e esperança que já se traduz nos direitos por ela proclamados, como: liberdade de expressão, sindicatos livres, liberdade de associação e reunião etc.

Não vale a pena adiantar mais, porque todos já sabem como se passou, pois todos os jornais falam sobre o assunto.

Agora quero chegar ao ponto, que não só lá fora como aqui dentro também, tem que haver ao menos um bocado de liberdade de expressão.

Porque não se faz reunião com a malta? Só aqui é que se pode discutir os problemas da Casa.

FORMAÇÃO TECNOLÓGICA — Continuamos, com grande satisfação, a contar com a colaboração do nosso Pintor-projectista, sobre as noções de estética das Artes Gráficas. Nós temos que sair daqui uns futuros mestres de oficinas. Sem dúvida, temos mostrado bastante interesse pela técnica do nosso professor.

Agora estamos a preparar para o exame do Sindicato. Vamos lá a ver se este ano será melhor — e, até tem que ser!... Não se admite a grande vergonha dos exames do ano passado: A malta não sabia por onde pegar; aquilo estava de tal maneira, que nem o mais profissional das Artes Gráficas conseguia fazer exame!

TEMPOS LIVRES — Como devem saber eu ocupo estas horas nas Artes Plásticas.

Devo agradecer imenso ao Pintor projectista de que vos falei há pouco,

que fez encarar mais alguns em ocupar os tempos livres nas Artes Plásticas e outras invenções.

Em nome da malta, quero esclarecer que nas horas livres se podia fazer imensas coisas, mas muitos não as ocupam porque o tempo não dá, não chega.

Por isso deveria arranjar-se o problema do sábado, dando-nos a tarde livre, para a malta se sentir mais à vontade no que está a fazer.

Só nós sabemos como ocupar os tempos livres, para além daqueles que ora temos.

FUTEBOL — Lá por ganharmos 2-1, sobre um grupo que nos ofereceu uma taça, há duas semanas, não quer dizer que a nossa equipa esteja em forma.

Até, se querem que vos diga, nós não temos equipa. Mas com o esforço de todos, há-de chegar um dia em que havemos de a ter.

Quanto a esta lógica é evidente que se, em primeiro lugar, arranjássemos um cabeça ou seja um treinador capaz de enfrentar a malta, assim já os adversários seriam melhor recebidos, sem barulhos, zangas, etc.

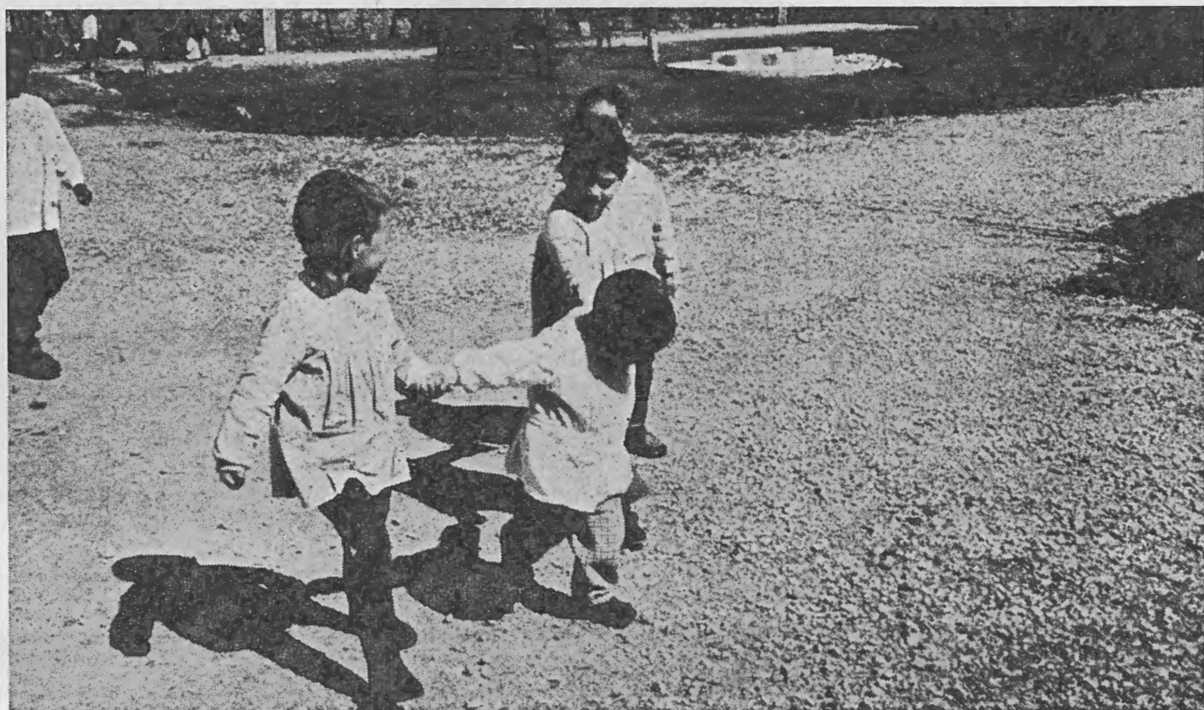
Daqui até lá esperemos a vossa vontade de cá vir.

GRILLOS — Até parece *bruxedo!* Começa o mês de Maio, começa a música, que afinal de contas até é agradável aquele ritmo do «gri-gri».

Em qualquer lugar onde estejamos, seja na Capela, no refeitório, nas oficinas, sei lá..., tem que haver uma ou mais caixas com grilos. Como uns não se contentam com dois ou três, chegam a ter 100. Coisa curiosa! Que grande família!

João Paulo Mendão

Eram «Lixo» das ruas — incómodo, repelente... Hoje, dão as mãos, em sua Casa — na Casa do Gaiato do Tojal — que faz seus os filhos de ninguém.



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE



Queridos Amigos:

Como havia já um mês que não recebia nenhum jornal e «O Gaiato» é para mim mais que precioso, indispensável, resolvi escrever-vos um postal a pedir que se não esquecessem de mo mandar. E fi-lo ontem quando, depois das compras, passei pelo correio. Mas ao chegar a casa tinha o jornal na caixa. E para que não mandem outro, aqui estou a escrever-vos e a pedir-vos desculpa do meu egoísmo. Mas se me faltar «O Gaiato» onde vou eu arranjar coragem ou hei-de encontrar um pouco de amor (eu creio que tenho uma noção do amor um tanto diferente do que vejo à minha volta), de compreensão, fraternidade — de companhia? E tanto, mas tanto, preciso de tudo isso!

Estou cansada de solidão (que eu sinto-me só mesmo quando rodeada de gente. Às vezes até mais do que quando estou só), de egoísmo, de incompreensão. E tendo o jornalzinho (o «zito» refere-se apenas ao tamanho) fico «aliviada» e um bem-estar que nenhuma drágea — das muitíssimas que tomo continuamente — me conseguem proporcionar. E por muito estranho que isto pareça a leitura de «O Gaiato» causa-me sempre — como hei-de dizer? — uma tristeza feliz e é quase que o único elo que me liga ainda à Religião — aí de mim!

Vivo todos os vossos problemas — vivo-os porque os sinto — e queria poder aí estar para vos ajudar com quanto me fosse possível. Aqui só o pos-

VOZ DE EMIGRANTE

so fazer materialmente e bem pouco, infelizmente. Ah, se eu pudesse voltar ao meu País!...

Através do jornal tenho acompanhado a vossa vida: a labuta constante dos vossos padres — a sua coragem e persistência; os vossos inúmeros problemas, as vossas alegrias; o crescer e evoluir de todos vós — duns mais que doutros, conforme os conheço, melhor ou pior.

Lembro-me do Francisco José que um dia almoçou em nossa casa; dos seus lindos olhos cândidos e da sua expressão tímida quando, depois de lavar as mãos para ir para a mesa, mas estendeu, mostrando-as e dizendo: «Isto não é sujo; é de descascar batatas». Lembrar-se-á ele dum minúsculo tratorzinho verde, único brinquedo que conseguimos ele aceitasse dos muitos que o meu filho tinha — demasiados até — e que pusemos à sua disposição para que escolhesse? Não é o Francisco José hoje professor? Talvez casado e pai...

Lembro-me do Pe. Luís, quando de algumas das suas visitas à Nazaré e tenho para com sua mãe uma enorme dívida de gratidão pelo carinho e delicadeza com que me tra-

tou a mim e ao meu filho. Do Pe. Aclio, do Pe. José Maria, que conheci, creio, pouco depois de se ordenar. Era um rapaz alegre, entusiasta e optimista — assim nos parecia. E hoje? É, sem dúvida nenhuma, um homem corajoso. Gostaria de lhe dizer que não está tão só como pensa. Estou certa que tem muitos amigos que o acompanham, o estimam e o compreendem, embora de longe.

Lutar é viver! E viver é bom — bom, pelo menos, quando se pode viver o que desejamos e não como nos é imposto.

E lembro-me também do Pe. Carlos quando ainda estudante. Embora o tenha visto uma única vez em companhia de sua mãe, conheço-o pouco.

Afinal, para vos avisar de que já recebi o jornal não era preciso tanto falatório, mas se inutilizo a carta, não sei se escreverei outra.

Desculpai. É uma carta amiga e duma amiga. Deus vos guarde.

M. Helena»

Nota da Redacção

Deus nos guarde.

Guarda com certeza. Só Ele é grande. A Ele, só, honra e glória! Só n'Ele pomos toda a nossa confiança. Só pela Sua Bondade, acreditamos na bondade em cada homem: reflexo ou participação da d'Ele. Pela Sua Força lutamos por desbravar almas e desenterrar a luz escondida onde pode parecer que só havia trevas. Tarde

ou cedo, na hora de cada um, ganhamos sempre, pelo preço de muitas humilhações e revezes de todos os instantes — senão outros, o encontro com a nossa pequenez, a nossa vulgaridade.

Como Deus é admirável no exercer do Bem mediante os homens! Mal sabe a M. Helena quão certinha foi ao centro do alvo. Diz bem: «Lutar é viver! E viver é bom!» Vinte anos depois do tempo em que nos conheceu, o nosso optimismo é outro, menos sorridente e ingénuo, mas mais rico de certeza. O nosso Deus é Deus-connosco — eis uma realidade experimentada mil vezes. Por Ele vamos sendo capazes de «esperar contra toda a esperança». Com Ele iremos até onde Ele quiser.

FRATERNIDADE

Foi no domingo. Não é a primeira vez que ela aí aparece. Viúva, modesta funcionária pública, com duas filhas ainda a estudar, não lhe basta o tempo da repartição. Em casa, entre as lides domésticas e outros trabalhos, vai ganhando o que não gasta e o que lhe produzem os tais trabalhos. Naturalmente, vida sem vaidades nem supérfluo.

Pois veio aí com um problema de consciência. Migalha a migalha, as suas economias foram crescendo; e, empregues aqui e ali, somam agora uns três centos de contos, que lhe queimam as mãos.

— Devo dá-los. Não preciso desse dinheiro. E há tanta gente que tem muito menos, ou não tem nada.

— Mas esse pequeno pecúlio não é só seu, apesar de grangeado com muita renúncia e trabalho. Tem duas filhas. Elas ainda não estão lançadas na vida...

— As minhas filhas nunca faltou o necessário, dentro da modéstia. Que estudem e se formem e trabalhem.

— Mas oiça: O que é hoje essa quantia que amealhou, com o dinheiro desvalorizado como está?... Pode precisar dele no futuro: uma doença..., um pequenino dote às filhas..., até um legítimo recreio para si, por exemplo uma viagem...

Curiosa a situação! Nós que sempre pregámos o desprendimento, a Pobreza voluntária, como altíssima virtude social e condição para uma eficaz e humana repartição dos bens por todos os homens, fundamento de um estado autêntico de Justiça — e eu naquela hora a funcionar de **cardeal-diabo** diante de tal delicadeza de consciência, frente a uma decisão tão heróica.

Enquanto detentores de fortunas incontáveis se desquitam com bastantes teorias e pouca prática dos seus deveres para uma mais equilibrada partilha dos bens que Deus pôs no mundo para todos os homens, esta Mulher, dona de um pequenino mealheiro, feito de sacrifícios e trabalhos, em vez de olhar para cima, olha para baixo e acha-se devedo-

ra aos que «têm muito menos ou não têm nada».

Recordo a vez primeira que nos encontrámos. Ainda hoje soa no meu espírito aquele **posso** convicto, decidido, que ela me disse quando, olhando-a na sua aparência insignificante e olhando o envelope nas minhas mãos com **uma casa** do «Património dos Pobres», eu me saí espontâneo e duvidoso: — Mas a Senhora, pode...?

Ele há para aí tantas mulheres (e homens) a reivindicar direitos (justos, muitas vezes!)...

Pois aqui dou à estampa este retrato sem gravura de uma valente Mulher que veio aqui proclamar o seu dever.

Feliz Pátria, se de tanto falatório saírem muitos gestos assim!

A outra visita foi em nome de duas velhinhas que, sem mais família, recolheram a um Estabelecimento de Assistência à terceira idade.

Senhoras de uma pequenissima reserva, entenderam que, tendo agora abrigo e alimento garantido para o resto dos seus dias, não precisavam de nada mais e poderiam dispor da tal reserva em favor dos que não têm a segurança de que elas passam a disfrutar. E daí, mandarem alguém amigo e de confiança com a parte que nos tocou: três contos.

O dádiva saborosa e santa!, a alegria da suficiência de que és portadora, há-de ir efectuar mais alegria e um nadinha mais de bem-estar em outro recanto de terceira idade aonde não chegou ainda a segurança da Justiça, mas onde soprará este bafo caloroso de fraternidade.

O nosso Jornal

Júlio fala, em «Novos Assinantes...», de algumas centenas de assinaturas suspensas por falta de notícias há mais de 10 anos. Pois não sabia ele da nota que o Avelino me passou, há dias: 2950 é, em números redondos, o número exacto, dos quais cerca de 200 do Brasil e à volta de 1000 de África.

Um número muito grande para um prazo tão longo. Que surpresa nos trará idêntica medida, se tivermos de adoptar para os de entre 10 e 5 anos?

Esperamos que entre eles haja vários distraídos que vão reagir à falta do jornal, como este:

«No artigo de fundo «O nosso Jornal» de 27-4-74 fazem-se considerações que me tocaram — e me envergonharam! Só quando se perde um bem se sentirá a falta dele e eu, em risco de perder a riqueza que é a leitura de «O Gaiato», apresso-me a reverter em vale a importância que, não pagando o total da minha dívida material, prova que estou vivo e interessado no tal «desordeiro» que perturba para o Bem porque molesta os que mal fazem.»

Por isso falamos em suspensão e, para já, não em corte definitivo.

Também a respeito do preço, tanto do Jornal como dos nossos livros, gostaríamos que o princípio do sem-preço rígido continuasse nossa lei.

Para os que têm dúvidas e querem sossegar a sua consciência, pois aqui vai uma solução que um Leitor encontrou: «fazer um cálculo como livro de livrarias»:

«Amigos

Paguei 40\$00 para o volume «O BARREDO» de Padre Américo, tendo enviado o dinheiro antes de receber a obra. Depois fiquei surpreendido com o valor real da edição e fui forçado a fazer um cálculo do seu preço como livro de livraria. Hoje, dentro das minhas posses, espero que não fiquem completamente desapontados. Não sei se errei nas minhas deduções, atribuindo a «O BARREDO» um preço de 80\$00. Em caso de ter errado, peço que me informem sobre o que deveria ter enviado.»

Labirinto

Hoje acredito em tudo
(Porque tudo é verdade e tudo transparece
Do poço em que apodrece),
Tudo quanto oiço e leio...

Eu hoje creio até
Nessas mais públicas promessas delicadas
Dum admirável mundo novo em construção
Bastando para isso o que oiço e leio
Porque tudo é verdade
E eu acredito em tudo que é verdade
Mil palmos em redor e ainda palmo e meio...

Só não é (pode lá ser?)
Verdade esta verdade em que tropeço.
Hoje acredito em tudo
E então... — Então o quê?...
Hoje nem me conheço...

Porto, Março de 1974

SANTOS SILVA



Temos recebido muitos assinantes novos! Vão cobrir uma parte do lugar vago por algumas centenas, dos quais não temos notícias há mais de 10 anos — suspensos, agora, por carência de papel.

Os nossos pequenos vendedores só levam para a rua um certo número de exemplares — e esgotam, sem grande trabalho. Na última edição afirmou um deles: «Ainda passávamos mais de 1.000... Não puderam servir os habituais fregueses de sexta-feira; pelo que, hoje, recebemos um telefonema:

— Já sou assinante da Editorial, mas não do Jornal. Podem fazer o favor de me mandar um exemplar da última edição?

— Sim senhor.

— Sabe?, não consegui encontrar o vendedor. Preciso de me inscrever como assinante...

— Pode ser já. Dá-me o nome, se faz favor?...

Tomámos nota e arrumámos o problema.

Quem dera que, nesta fase, muitos dos leitores-avulso compreendam as circunstâncias e se decidam pela assinatura. Aguardemos.

Mas a forma, os termos como os novos assinantes ou proponentes se nos dirigem são bem dignos de menção!

Passa um, de Lourenço Marques, que nos trata por «Prezados Conciudadãos». E continua: «Tendo muito gosto em tornar-me assinante do vosso Jornal «O Gaiato», agradeço o favor da minha inscrição e envio por

Novos Assinantes de «O Gaiato»

avião, comunicando-me o preço da avença e portes».

Inscrição consciente, responsável. Não vai na onda; tem «muito gosto». Assim, sim. Não queremos pesos mortos! Concedem ou discordem da Mensagem, queremos Leitores de «caixa alta».

Exclamações de alegria: «Finalmente, arranjei uma assinatura!» É um postal de Lisboa.

E de tristeza: «Tenho pena de não conseguir muitos assinantes!» — desabafa uma Viúva, de Aveiro.

No meio do grupo ainda surgem — como é natural — os escrupulosos; supondo que «O Gaiato» se regula pelas regras correntes na Imprensa. Eis a norma recomendada por Pai Américo: «Não sermos soçitos em pôr a preço os jornais ou edições que saem dos nossos prelos. É melhor deixar tudo à generosidade espontânea de cada um». Fica esclarecida uma nova leitora de Lisboa e, quem dera nos ouça!, outro que se lamenta «profundamente por ter que dizer que não gosto desse processo; prefiro que me digam sempre qual é o preço». A linha de rumo traçada por Pai Américo serve para todos — em qualquer parte do mundo.

Mais notas a registar, de uma vista geral à procissão:

Bombarral: «Peço o favor de considerarem assinante uma so-

brinha minha. Aqui vai a direcção...»

Num mundo em que a Família é objecto de estremeções, «O Gaiato» procura ser luz da Família de Nazaré.

Os mais interessados saem para a rua e motivam os vizinhos: «Pedi a uma vizinha para ser assinante de «O Gaiato» e ela fez o que lhe sugeri... É favor não esquecer, pois ela quer lê-lo». Aqui está: «ela quer lê-lo». É do Porto!

O «Famoso» continua a passar de geração em geração, de pais a filhos: «Em virtude do falecimento de meu Pai..., e desejando eu continuar a sua assinatura, venho pedir o favor de me enviarem «O Gaiato»...»

Muito bem! Nestas circunstâncias, para os herdeiros que

não façam de «O Gaiato» um «alimento saboreado», como disse Pai Américo — ao menos devolvam o jornal. Não sejam pesos mortos. A hora é de renúncias — por carência de papel!

Como nos alegra, porém, uma notícia de Faro!: «A minha Mãe com os seus 92 anos, é que tem muita pena de não poder lê-lo por falta de visão. Consola-se com ver os filhos lê-lo e toda se alegra quando chega o jornal mais apreciado por todos».

● DE NORTE A SUL DO PAÍS

Finalmente, recebemos novas inscrições de Lourçal (Pombal), Sobral (Paião), Póvoa da Lousa,

Bragança, Valbom (Gondomar), Amadora, Parede, Cascais, Vila Nova de Gaia, Tavira, Rebordões (Santo Tirso), Salvaterra de Magos, Cedovim, Barcarena, Coimbra, Espinho, Penela, Braga, Meda, Fermentelos, Rio Maior, Porto e Lisboa um rdeles!

● ULTRAMAR E ESTRANGEIRO

Uma data de presenças Costa Oriental: Quelimane, Lourenço Marques. Da Ocidental: Carmona, Lobito, Benguela, Luso e Nova Lisboa.

Do estrangeiro, registámos novos leitores de Paris, Salisbury (Rodésia), S. Paulo e Rio de Janeiro (Brasil).

Um mundo de gente! Graças a Deus.

Júlio Mendes

Cantinho DOS RAPAZES

Cont. da PRIMEIRA página

des!... Porém a Técnica e os meios de que ela dispõe ajudam mas não suprem o homem. Por cada máquina que substitui tantos homens, há novas formas de labor a exigirem a intervenção directa deles. Há tanto que investigar, tanto que descobrir neste mundo difícil de esgotar que Deus nos entregou para o administrarmos em favor de todos os homens! E há o Homem, a reclamar cada vez mais a atenção dos homens!

Depois, há outro óbice para o encurtamento do trabalho, mormente onde a cultura é de modesto nível para a maioria dos cidadãos. É a ocupação salutar dos tempos livres. Quando se não sabe conversar; quando o interesse pela leitura é nulo ou incapaz de objecto que cultive, que construa o Homem; quando a sensibilidade ao belo da natureza ou da criação dos artistas não existe; quando o próprio interesse desportivo é dominado

mais pela violência ou pela competição do que pela harmonia dos gestos corpóreos, pela procura insatisfeita da perfeição atlética; quando se não descobriu a necessidade de um «hobby», que bem pode ser um trabalho físico para os que habitualmente se ocupam em actividades do espírito e vice-versa... — então os tempos livres tornam-se causa de tédio e de destruição.

Se descansar é fazer outra coisa diferente do que nos compromete, em regra com uma finalidade imediata ou mediata lucrativa, mau é enquanto se não descobre essa «outra coisa» que verdadeiramente repousará o homem e lhe acrescentará satisfação.

Naturalmente, um homem culto, um Povo culto, terá muito mais «coisas» objectivamente válidas, entre as quais escolherá uma ou várias para as suas horas de lazer.

Não devemos, pois, copiar «à letra» as instituições dos outros, se inadequadas a nós. Aliás, ouvi dizer, ainda não há muito, que em Inglaterra a «semana inglesa» é mais para exportação do que para uso interno — fruto, talvez, de uma crise que se desenha e pronuncia há uns bons anos... Ainda assim, com todas as suas decadências, não nos comparemos.

Ai de nós se o amor e a generosidade e a colaboração deixassem de pingar! E a renúncia que é, tantas vezes, um timbre que marca ofertas que nos chegam. O sacrifício dos de fora, unido ao nosso de dentro, opera muitas das maravilhas que extasiam os nossos olhos e a nossa alma. Nós somos tão pequeninos para entender o valor espiritual que Deus vai operando pelas nossas limitações!

Todos os meses vêm cartas do Entroncamento e da Covilhã e de outras terras a recordar entes queridos que Deus chamou. Vêm as prestações mensais de Coimbra, Luso, Almalaguês, Miranda do Corvo e Vilar Formoso. Vêm as presenças dos que passam pela Casa do Castelo e deixam envelopes e à mão e embrulhos e recados.

O nosso Lar de Coimbra, com o arranjo da rua que lhe dá acesso, ficou a ser mais conhecido e visitado. E têm aparecido casais, e vão senhoras consertar a roupa, e pessoas com sobejos de festas familia-



res e outras com frutos das suas árvores e culturas. É tudo tão bom e saboroso!

O correio trouxe carta com mil de sacerdote, 50\$ e mais 100\$; 500\$ em vale de Carcavelos; 400\$ em vale; 250\$ em cheque da Mealhada; pequeninas quantias da Escola João de Almeida — Guarda; 500\$ em vale, de Lisboa; 3.200\$ de Coimbra; 250\$ em cheque; 200\$+100\$ de S. Tiago de Ribai UI; 100\$ em vale; 150\$+150\$ em cheque de Mação; 1.600\$ em vale; 200\$ de sacerdote; 250\$ em vale, de Ceira; 500\$ em vale, de Torres Novas; 300\$ em vale, de Fátima.

Todos os que me encontram na rua, ou nos estabelecimentos, ou à porta das igrejas e me estendem a mão escondi-

da. Os que entregam aos pequenos vendedores de «O Gaiato». Os que vêm a nossa Casa embora o caminho para a nossa Casa de Miranda do Corvo ainda seja muito desconhecido. Os que dão tudo ou parte dos primeiros ordenados ou de aumentos. Senhoras que vieram entregar 3.000\$ da «Casa de Amizade» do Rotary de Coimbra. Todos quantos sofrem por não poderem dar mais. Do mil e quinhentos a recordação sacerdote que Deus chamou e Arganil. Mil de casal francês A Amiguinha da Pereira.

Acreditamos que Deus tem conta de tudo e tudo terá e conta no livro da Vida.

Padre Horácio

ORDINS

A Caridade foi sempre o espelho das almas conformadas: «Quem dá aos Pobres empresta a Deus», diz o Povo, na sua linguagem simples. Na verdade, não há virtude mais alta, nem mais significativa, nem mais nobre, nem mais santa. As migalhas que se dão a quem precisa, são gotas de orvalho numa chaga viva, lágrimas do coração que sente a dor. A pessoa só é grande, quando calca o seu orgulho, o seu egoísmo, quando se lembra dos seus erros e miséria e procura em Deus o apoio necessário para se corrigir deles. Quantos se libertam das cadeias em que vivem, procurando, de qualquer maneira, fazer o bem possível ao seu semelhante. Dar, dar sempre, dar sem espera de recompensa e sem vaidade: «que não saiba a tua mão esquerda o

que dá à direita», assim diz o Senhor. Só assim as tuas obras serão bem feitas e terão a recompensa no Reino dos Céus.

Apesar da falta das nossas notícias no «Famoso», não se esqueçam desta Obra, que só vive das encomendas que nos fazem e dos poucos donativos que nos mandam, todos de Lisboa, a não ser uma senhora do Porto. Apesar das raparigas não virem trabalhar o dia todo, os trabalhos sempre se vão fazendo e são enviados ao seu destino.

Desde o princípio do ano já demos despacho às seguintes encomendas: Dois jogos de sala de jantar, em preto e oiro, para Recarei. Lisboa: 2 echarpes, 10 pegas para tachos, uma combinação em malha, 6 pares de soquetes para dormir, uma capa, uma colcha em lã e algodão, para cama

de casal e um jogo de sala de jantar. Uma camisola e puloveres. Porto: uma colcha para cama de solteiro. Oliveira de Azemeis: 3 carpetes e lã. Penafiel: 4 tapetes e duas colchas. Castelo Branco: uma colcha para cama de casal, e temos mais 5 encomendadas. Porto: duas colchas de solteiro. Vila Nova de Gaia: vários metros de passadeira e mantas. Guilhufe: um jogo de preto e oiro. A Obra Nossa Senhora das Candeias tem as suas camaratas com colchas feitas aqui. Ois da Ilheira: uma colcha e um jogo de Gondomar: duas colchas em lã e algodão para um quarto de 2 rapazes. Temos algumas colchas feitas para cama de solteiro, em gaze, muito bonitas; medem 2,25X1,60 e custam 300\$. Quem tiver camadas desta medida, é só pedir, que vão na volta do correio.

Por hoje é tudo. Cumprimos para todos os leitores e amigos.

Maria Augusta

